

O *translinguismo* na língua falada de um migrante madeirense na África do Sul e na Venezuela: relato de memória e identidade translocal e transcultural¹

NAIDEA NUNES NUNES

Universidade da Madeira, Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Resumo: A partir da entrevista feita a um migrante da Madeira na África do Sul e na Venezuela, faz-se um estudo qualitativo temático e linguístico, baseado na linguística de *corpus*, no conceito de *translinguismo* e na linguística sociocultural. A análise temática centra-se na emigração madeirense para a África do Sul que, como fuga ao serviço militar na guerra colonial portuguesa, decorreu sobretudo nos anos 60 do século XX. Os clandestinos viajavam para Moçambique, mais precisamente para a atual cidade de Maputo, sem necessidade de passaporte. Depois, tentavam a sua sorte através da passagem clandestina da fronteira ou “a salto” para a África do Sul, onde o entrevistado foi preso por estar a trabalhar ilegalmente. Regressou à Madeira e foi para a guerra na Guiné-Bissau. Quando terminou o serviço militar, emigrou para a Venezuela, onde esteve mais de 40 anos, tendo regressado à sua terra natal em dezembro de 2016, devido à grave crise social e económica naquele país. A análise linguística da fala do migrante, através do relato de memória, permite observar a sua identidade sociocultural e translocal ou transcultural. O informante bi/multilingue recorre ao *translinguismo*, mescla do Espanhol da Venezuela com o Português, e a algum léxico do Inglês ao falar da África do Sul, revelando também traços característicos do Português falado na Madeira e do Português popular.

Palavras-chave: *Translinguismo*; Transculturalismo; Emigração madeirense; África do Sul e Venezuela; Identidade; Linguística Sociocultural.

¹ Este artigo tem por base a conferência proferida no Encontro “Mobilidades no Espaço e no Tempo” de 2018, que se realizou no Centro de Estudos de História do Atlântico – Direção Regional da Cultura –, submetido a esta revista pelo facto de as atas não terem sido editadas. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito das atividades do projeto UIDB/00214/2020 do Centro de Linguística, Universidade de Lisboa, financiado pela FCT.

Abstract: Based on an interview with a migrant from Madeira in South Africa and Venezuela, a qualitative thematic and linguistic study is carried out, based on *corpus* linguistics, the concept of *translingualism* and sociocultural linguistics. The thematic analysis focuses on Madeiran emigration to South Africa, which was an escape from military service in the Portuguese colonial war that took place mainly in the 60s of the 20th century. Illegal migrants travelled to Mozambique, more precisely to the current city of Maputo, without the need for a passport. Then they tried their luck by clandestinely crossing the border or “jumping” to South Africa, where the interviewee was arrested for working illegally. He returned to Madeira and went to war in Guinea-Bissau. When he finished his military service, he emigrated to Venezuela, where he spent more than 40 years, having returned to his homeland in December 2016, due to the serious social and economic crisis in that country. The linguistic analysis of the migrant's speech, through the memory report, allows us to observe their sociocultural and translocal or transcultural identity. The bi/multilingual informant uses *translingualism*, mixing Venezuelan Spanish with Portuguese, and some English lexicon when speaking of South Africa, also revealing characteristic features of Portuguese spoken in Madeira and popular Portuguese.

Keywords: *Translingualism*; Transculturalism; Madeiran emigration; South Africa and Venezuela; Identity; Sociocultural Linguistics.

1. Introdução

A recolha dos materiais linguísticos e socioculturais apresentados neste estudo ocorreu no âmbito do Projeto “Nona Ilha - Memória das Gentes que Fazem a História” do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA-Alberto Vieira) da Direção Regional da Cultura, atualmente pertencente à Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira. A realização de entrevistas a migrantes madeirenses é fundamental para resgatar informações históricas, socioculturais e linguísticas sobre a emigração madeirense, sobretudo no que se refere à clandestinidade, como é o caso da fuga para a África do Sul, nos anos 60, para escaparem ao serviço militar na guerra colonial.

Nestes casos, não há registos de emissões de passaportes, porque iam para Lourenço Marques (atual cidade de Maputo), território português, de modo a fazerem a passagem clandestina ou “a salto” para a África do Sul. Daí a importância de recolher relatos de memória que tendem a desaparecer com as pessoas que os vivenciaram e que, sem a sua recolha oral, nunca seriam conhecidos. O facto de os registos serem feitos a partir da língua falada faz com que sejam de grande riqueza linguística, refletindo a identidade sociocultural madeirense e, ao mesmo tempo, translocal e transcultural do informante.

A expressão da identidade translocal (transnacional) e transcultural do falante surge das interações com diferentes línguas e culturas, ou seja, interações linguísticas e socioculturais que se estabelecem com outros locais ou países, neste caso através da emigração.

O caso aqui em estudo reporta-se a um indivíduo que sai da sua comunidade e se integra noutros países, primeiro na África do Sul e depois na Venezuela, através de um processo de mobilidade humana transcultural. Este molda a identidade do indivíduo, porque passa a pertencer a uma nova comunidade, sem deixar de pertencer à da sua terra natal. Então, os termos transculturalismo e translinguismo traduzem a vivência em mais do que um local, uma língua e uma cultura, o que é uma realidade característica das migrações.

Os objetivos deste estudo são: aplicar o método da entrevista, recolhendo memórias da terra de origem e das situações de migração do informante; constituir um *corpus* linguístico com a história de vida do entrevistado que permita reconstruir a sua translocalidade da ilha da Madeira para a África do Sul, a emigração para a Venezuela e o seu regresso à terra natal; documentar a língua falada do informante, descrevendo manifestações de translinguismo, resultantes do transculturalismo do indivíduo, a par de traços característicos do Português falado na Madeira e do Português popular, devido à sua origem regional e sociocultural.

O percurso deste trabalho começa com a apresentação do contexto sócio-histórico da migração madeirense, sobretudo para a África do Sul e a Venezuela; a explicitação da metodologia da entrevista e da sua transcrição; o enquadramento teórico-conceitual no âmbito da linguística de *corpus*, do translinguismo e da linguística sociocultural; o estudo qualitativo dos dados recolhidos, através da análise temática da partida para Moçambique e passagem clandestina para a África do Sul, do trabalho ilegal, denúncia e prisão, do regresso à Madeira e partida para a guerra colonial, do casamento e emigração para a Venezuela e do retorno definitivo à terra natal. Segue-se a análise linguística dos dados da fala do informante, concluindo com algumas considerações finais sobre o estudo realizado.

2. Contexto sócio-histórico, cultural e linguístico das migrações

Sobre a emigração da Madeira para a África do Sul, Vieira (2018) escreve que, nos séculos XIX e XX, a cidade do Cabo marcou a mobilidade madeirense, através dos “vapores do Cabo”, graças às companhias de navegação inglesas, que passavam pela Madeira.

Refere também que os madeirenses usavam rotas indiretas para chegar à África do Sul, a partir da antiga colónia portuguesa de Moçambique, sobretudo de forma clandestina: “a emigração clandestina é um dado significativo da mobilidade de muitos madeirenses para chegarem à África do Sul.” (VIEIRA, 2018: 4). Explica que a rota de Cape Town ou rota do Cabo começou a ser definida em finais do século XVII, mas foi nos séculos seguintes que se consolidou, com a afirmação do Funchal como porto de escala, o que potenciou as mobilidades para o destino. Indica que, “aos vapores da Union Castle, associaram-se, a partir de 1907, os navios África, Beira e Infante D. Henrique da Empresa Nacional de Navegação/Companhia Colonial de Navegação ou os que faziam a ligação à Austrália.” (VIEIRA, 2018: 8). De acordo com o autor, terá sido a partir daqui que se abriu a rota secundária da emigração madeirense para a África do Sul. Acrescenta que o facto de os ingleses terem conquistado a cidade do Cabo aos holandeses, em 1795, abriu ainda mais as portas deste destino para os migrantes madeirenses, a partir das ligações que passavam pela Madeira, sendo que os britânicos faziam do Funchal uma escala estratégica no domínio da colónia: “O Funchal era quase sempre escala obrigatória para as embarcações do Cabo, Índia e Antilhas, relacionada com a disponibilidade do vinho para o abastecimento dos navios e do comércio nas praças de destino. A rota do Cabo era, assim, um caminho do mar consolidado na história da Madeira que só a plena aviação comercial destronou.” (VEIRA, 2018: 15).

Este movimento de navios representa uma grande oportunidade de destinos para a migração madeirense:

Nos anos de 1936 e 1948, tivemos a emigração orientada pela companhia Shell para o Curaçau que permitiu a saída de muitos madeirenses. De acordo com José Fernandes Moreira da Cunha, a Madeira teria enviado para aquele destino 7734 emigrantes, entre 1937 e 1940. Muitos destes homens deram o salto para a Venezuela que, conjuntamente com o Canadá, Austrália, América do Sul e as colónias portuguesas de Angola e Moçambique, foram os novos destinos. [...] O recrutamento de emigrantes contou com o apoio do governo civil e dos consulados no Funchal, que atuavam como angariadores de potenciais emigrantes. (VIEIRA, 2018: 33-34).

Vieira menciona que a Venezuela fechou as portas à livre entrada de migrantes a partir de 1958. Contudo, as décadas de 50 e 60 foram momentos de forte migração, tendo como principais destinos a Venezuela, o Brasil, a África do Sul, os Estados Unidos, o Canadá e a Austrália: “Os destinos da emigração madeirense se diversificam de acordo com a demanda de mão de obra e as oportunidades oferecidas pelos principais mercados de trabalho. Ao fechar o mercado de Demerara, aumenta a pressão do movimento migratório

para a África do Sul.” (VIEIRA, 2018: 34-35), sendo nesta altura que a rota secundária pela Beira e Lourenço Marques ganha mais importância como rota dos clandestinos madeirenses. Vieira relata que:

A emigração madeirense para a África do Sul, por força de contingências específicas, que vedavam muitas vezes aos madeirenses uma entrada legal no país, optou, em muitos casos, pela clandestinidade. Daí que os números oficiais estejam muito aquém da realidade desta mobilidade madeirense para aquele país. A título de exemplo, registe-se que, em 1950, são dados como ilegais 900 madeirenses e destes apenas 265 se haviam registado para receberem os papéis do governo que davam abertura à sua legalização. [...] em meados do século XX, a rota da emigração clandestina para a África do Sul tinha em Lourenço Marques e na Beira um eixo fundamental. Poderia navegar-se nos vapores do Cabo, mas a viagem prolongava-se até à colónia portuguesa de Moçambique, donde se alcançava clandestinamente a África do Sul. Desta forma, Moçambique era, para muitos madeirenses, a terra do “salto para a África do Sul”. Normalmente, esta rede cobrava oito contos de reis, mas este serviço clandestino poderia chegar aos 30 contos. (VIEIRA, 2018: 37)

Nas décadas de 50 e 60, houve grande migração clandestina madeirense para a África do Sul, com prisão e repatriamento de muitos madeirenses sem documentos, os chamados “direitos” ou papéis. Dizia-se “(não) ter (os) direitos”. Muitos eram apanhados pela PIDE na fronteira de Moçambique com a África do Sul, outros neste país, quando estavam a trabalhar de forma ilegal, por denúncia. Eram presos, repatriados e obrigados a fazer o serviço militar na guerra colonial da qual tentavam fugir, como foi o caso do entrevistado para este estudo, natural da freguesia de Água de Pena, concelho de Machico. Este conseguiu sobreviver à guerra e emigrar para a Venezuela em 1972, depois de se casar por procuração com a rapariga com quem se correspondia por carta durante a guerra e que já estava emigrada com os pais na Venezuela.

Deste modo, o entrevistado foi um migrante adulto de primeira geração que teve filhos e netos na Venezuela, acabando por voltar à Madeira forçado pela situação política e socioeconómica do país. Sobre as primeiras gerações de migrantes, Rocha-Trindade escreve: “O emigrante adulto não perde, em geral, o conhecimento da língua materna mesmo que, ao longo de estadas muito prolongadas, alguma fluência seja sacrificada e se verifique uma contaminação de vocabulário e de sotaque” (ROCHA-TRINDADE, 2015: 176). A autora usa o conceito de miscigenação cultural que “procura descrever todos os casos e circunstâncias ligados ao contacto e interação mútua entre culturas distintas, tanto em plano individual como colectivo.” (ROCHA-TRINDADE, 2015: 614). Explica que

En tous temps et en tous lieux, des circonstances surviennent qui mettent en contact prolongé des sociétés ou des groupes culturellement distincts par la langue, les mœurs, les traditions, l'histoire [...] Dans tous ces cas sommairement énoncés ci-dessus, des gens de provenances diverses et culturellement différenciées se sont trouvés en contact prolongé. (ROCHA-TRINDADE, 2015: 51-52)

Para a autora, interculturalidade é a instauração de diálogo entre culturas. Afirma a ligação às origens como uma raiz cultural que se mantém ao longo de toda a vida, a consciência de uma pertença originária ao local e à região de onde provêm, juntamente com a capacidade de adaptação a outros locais e convivência cultural e social (ROCHA-TRINDADE, 2015: 51-52).

Neste sentido, no contexto das migrações, ocorre um processo de construção dinâmica da identidade do indivíduo. Este está relacionado com a situação de translocalidade e transculturalidade. Lang explica que “o imigrante carrega consigo a identidade forjada pelo processo de socialização. Em outro país, em novas condições, a identidade se reconstrói” (LANG, 2015: 5). Como afirma Boaventura de Sousa Santos (1994: 31), as identidades não são rígidas, nem imutáveis, mas identificações em construção, havendo uma identidade individual ou pessoal e uma identidade coletiva. Michel Pollak fala do sentimento de identidade, definindo-o como:

a imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com o outro. (POLLAK, 1992: 204)

A identidade do migrante reconstrói-se através da interação sociocultural, no país de acolhimento em que se integra. Posto isto, a translocalidade e a transculturalidade estão associadas à identidade pessoal que se enquadra numa ou mais identidades coletivas. Por exemplo, o informante diz estar feliz por ter voltado para a sua terra natal com a qual se identifica, mas também afirma amar a Venezuela, realidade sociocultural e linguística da qual também fez parte.

Desta forma, o conceito de identidade é construído socialmente, sendo moldado através das interações comunicativas, neste caso em situações interculturais. Pois, a comunicação entre membros de diferentes grupos socioculturais reflete-se no comportamento e no uso da linguagem (SPENCER-OATEY e FRANKLIN, 2009). No contexto sociocultural quotidiano, entre indivíduos com diferentes culturas (valores e normas

culturais), com a sua integração na cultura dominante do novo grupo social, o migrante sofre um processo de aculturação. Ao mesmo tempo, no país de acolhimento, a comunidade de migrantes madeirenses mantém-se unida, através de organizações que preservam as tradições da sua herança cultural, transmitidos às novas gerações, contribuindo para a identidade transcultural dos seus membros.

Desenvolvem, assim, competências de comunicação intercultural. Como define a UNESCO, "Intercultural communicative competence is an awareness of how one can successfully interact with other cultures with respect to the specific context of the individual's own culture" (UNESCO, 2006: 33). Logo, a comunicação intercultural é o diálogo e a compreensão que se estabelece no contacto direto com outra comunidade, ou seja, entre indivíduos ou grupos com diferentes identidades culturais. Isto acontece porque há necessidade de integração sociocultural no país de acolhimento, com entendimento e respeito mútuo, e de aprendizagem da nova língua, sobretudo no caso em estudo, através do trabalho no comércio. Tanto na África do Sul como na Venezuela, observa-se serem realidades semelhantes, em que os migrantes começam a trabalhar num restaurante de conterrâneos até conseguirem comprar o seu próprio negócio. Nos dois países, encontra-se grande diversidade cultural, dado que os madeirenses tanto se estabelecem junto da população nativa como entre comunidades de outros migrantes europeus, afrikaans na África do Sul e sobretudo italianos e espanhóis na Venezuela.

3. Metodologia de investigação

Com os procedimentos metodológicos etnográficos, tais como a entrevista e a história de vida, os estudos qualitativos assumem grande importância, pois permitem uma relação entre aspetos teóricos e práticos, resultando em ferramentas úteis para a interpretação de questões linguísticas e socioculturais. Triviños cita Bogdan, ao enunciar as características da pesquisa qualitativa:

a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; a pesquisa qualitativa é descritiva; os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; os pesquisadores qualitativos tendem a analisar os seus dados indutivamente; o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa. (TRIVIÑOS, 1987: 128-130)

Como a investigação qualitativa se traduz num universo de representações, significações e relações sociais, gerando uma vasta quantidade de informações descritivas, a organização e sistematização eficientes dos dados é fundamental. Neste caso, a sistematização dos dados consiste na análise temática, tendo em conta os vários temas abordados na entrevista, através do relato de memória do informante e da sua linguagem, ou seja, a análise da língua falada ou em uso pelo informante.

A entrevista é um método de recolha de dados orais fundamental nas áreas das ciências sociais e humanas, que permite fazer estudos de realidades complexas como são as línguas, as sociedades e as culturas, através da análise qualitativa dos dados (NUNES, 2017). No caso do projeto “Nona Ilha”, existe um guião semiestruturado da entrevista para recolha dos dados. O entrevistado é informado sobre as temáticas a serem abordadas e dá o seu consentimento livre e esclarecido para a gravação e divulgação dos dados, no âmbito do projeto de investigação em que se integra.

O método de recolha de dados implica a transcrição grafemática ou ortográfica do que foi dito e como foi dito, passando para o papel as entrevistas gravadas. Pois, é a partir da escrita que estas poderão ser analisadas, o que implica a formalização de normas de transcrição claras e simples, garantindo a inteligibilidade dos textos. Assim, para uma adequada análise temática e linguística, usou-se: vírgulas e pontos, dando conta das pausas breves e longas, separando informação e frases; reticências que traduzem qualquer pausa não sintática, quando ocorre uma hesitação, repetição, reformulação e quando o locutor não termina a frase; parênteses retos [] indicando formas completas ou normativas de palavras sincopadas ou pronunciadas com alterações fonéticas, a posição dos clíticos e das concordâncias verbais, nominais e adjetivais e acrescentando elementos gramaticais em falta. Os elementos gramaticais desnecessários são assinalados entre barras oblíquas //, enquanto o itálico é usado para formas de outras línguas (do Espanhol e do Inglês) e para alterações fonéticas (traços da variedade madeirense ou formas populares). Por sua vez, o negrito serve para destacar regionalismos lexicais e semânticos madeirenses que atestam a identidade regional do entrevistado.

No que se refere ao translinguismo na fala do entrevistado, a metodologia seguida foi identificar e sistematizar manifestações específicas de *code-meshing* ou mescla de duas ou mais línguas. Pois, na prática comunicativa translinguística há o empréstimo, assimilação e integração de vários códigos linguísticos num mesmo discurso. Neste caso, o fenómeno de *code-meshing* resulta da diversidade translocal de línguas e culturas, da

Venezuela e da África do Sul. A par do translinguismo, observam-se também ocorrências características do Português falado na Madeira e do Português popular que fazem parte da identidade sociocultural do informante.

4. Enquadramento teórico-conceitual

Este estudo insere-se no âmbito da linguística de *corpus*, neste caso da língua falada, tendo como fonte oral a entrevista semiestruturada feita para recolha do relato de memória de um migrante madeirense na África do Sul e na Venezuela. Constituiu-se, assim, um *corpus* de análise que dá conta das duas experiências de migração do informante, uma ilegal e outra legal.

A constituição e análise de um *corpus* oral permite registar e descrever fenómenos linguísticos da fala, bem como obter informações temáticas, designadamente de determinadas realidades socioculturais. Para isso, um *corpus* deve ser constituído com dados autênticos e representativos de uma língua ou variedade da língua que se deseja estudar, sendo um conjunto de dados linguísticos estruturados, segundo um método de recolha como é o caso da entrevista, de forma a serem representativos do uso linguístico. Aqui, trata-se da língua falada por um informante madeirense que trabalhou alguns meses num restaurante de *fish and ships* na África do Sul e muitos anos numa *areperia* em Caracas, na Venezuela. Foi tida em conta a extensão do *corpus*, assim como a sua adequação aos objetivos da análise linguística e sociocultural.

Ao longo da entrevista, o informante manifesta uma identidade multicultural, revelando a sua hibridez, sobretudo madeirense e venezuelana. Usa o *translinguismo* como expressão da sua identidade multilingue, principalmente na mescla do Espanhol com o Português, depois de 44 anos na Venezuela. De um ponto de vista abrangente, o conceito de *translinguismo* refere as práticas discursivas que envolvem várias línguas, em que os falantes incorporam no seu repertório linguístico, de forma livre e flexível, o uso de uma segunda ou terceira língua. García (2009) afirma que o *translinguismo* pode criar um espaço social aberto aos falantes multilingues, o que acontece “by bringing together different dimensions of their personal history, experience and environment, their attitudes, beliefs and performance” (WEI, 2011: 1223). Como indivíduo multilingue, o uso de forma livre e flexível de várias línguas na prática discursiva permite recorrer a um repertório comunicativo rico e variado (GARCÍA, 2009; HORNBERGER e LINK, 2012). É o que acontece

no discurso do entrevistado, ao falar de diferentes culturas, através da sua vivência na África do Sul e na Venezuela.

García (2009) afirma que o *translinguismo* revela a natureza dinâmica dos repertórios linguísticos dos falantes bi/multilingues, que recorrem a práticas comunicativas denominadas *translingual practice*. Para Canagarajah, *translinguismo* é “the ability of multilingual speakers to shuttle between language, treating the diverse languages that form their repertoire as an integrated system”(CANAGARAJAH, 2011: 401). Por sua vez, García e Wei explicam que *translinguismo* é “the complex language practices of plurilingual individuals and communities” (GARCÍA e WEI, 2014: 20). Diferencia-se do *code-switching* porque não se trata simplesmente da alternância entre duas línguas, mas de recursos a diferentes línguas usados pelos falantes na construção original e complexa do discurso, utilizando o seu repertório linguístico completo de forma integrada e flexível. Trata-se de uma prática de *translinguismo* chamada *code-meshing*, a integração de diferentes línguas numa mesma frase. Pois, o falante usa todos os seus recursos linguísticos para comunicar significados, numa prática translingual que permite flexibilidade linguística na construção de significado e autenticidade comunicativa, valorizando o bilinguismo e o multilinguismo (LEE e HANDSFIELD, 2018). Neste caso, o recurso ao Espanhol (da Venezuela) e ao Inglês não acontece por falta de domínio do Português, uma vez que se trata de um migrante de primeira geração que migrou para a Venezuela já adulto e casado. Reflete a identidade multilingue e multicultural do falante através do *translinguismo*, um vaivém entre línguas que acontece de forma natural.

As línguas servem propósitos de comunicação, mas também de identidade, contribuindo para a inserção na sociedade e na cultura da comunidade do país de acolhimento. O entrevistado é bilingue porque esteve imerso na língua, na sociedade e na cultura venezuelana durante muitos anos, falando Português e Espanhol com a proficiência de um falante nativo. Não perdeu a língua materna portuguesa, mas deixou de a usar substituindo-a totalmente pela língua espanhola na Venezuela. Pois, o seu trabalho numa areperia implicou o contacto direto com os venezuelanos todos os dias, de manhã à noite.

Segundo García e Wei, “the language practices of bilinguals are complex and interrelated; they do not emerge in a linear way or function separately since there is only one linguistic system [...] with features that are integrated [...] we see bilinguals selecting features from their linguistic repertoire depending on contextual, topical, and

interactional factors” (GARCÍA e WEI, 2014: 14-15). Wei e García explicam que o *translinguismo* torna “visible the complexity of languages exchanges among people with different histories and releases histories and understandings of other identity sociocultural and linguistic realities” (GARCÍA e WEI, 2016: 5). Desta forma, o entrevistado dá a conhecer histórias de outra identidade sociocultural e de realidades linguísticas da Venezuela e da África do Sul.

Wei escreve: “Multilinguals do not think unilingually in a politically named linguistic entity, even when they are in a monolingual mode, and producing one namable language only for a specific stretch of speech or text” (WEI, 2018: 18). Ou seja, a prática de *translinguismo* ou mescla de línguas num mesmo discurso ou comunicação, enquanto *code-meshing* é um *continuum* discursivo e identitário do falante. Por isso, como versão avançada de *code-mixing* confunde-se com o próprio termo *translinguismo* (GU, 2021).

Khukhuni e Valuitseva (2019) falam sobre a interação de línguas e culturas, associada à noção de *biculturalismo*, que levou aos termos *translinguismo* e *transculturalismo*. Ou seja, um indivíduo não perde a sua língua e cultura nativa, mas pode assumir uma nova identidade linguística e cultural. No caso da migração, o entrevistado (que emigrou já adulto) manteve a sua herança linguística e cultural madeirense, mas simultaneamente identifica-se também com a língua e a cultura venezuelanas. Trata-se de uma situação de *transculturalidade*, em que houve uma transição de uma língua e cultura de origem para outra, sem perder a original. Esta realidade corresponde a uma fluidez e enriquecimento linguístico e cultural, que caracteriza o *translinguismo* associado ao *transculturalismo*.

Neste caso, como o *translinguismo* revela a proficiência bi/multilingue enquanto integração das competências linguísticas de diferentes línguas num mesmo repertório e não competências separadas para cada uma das línguas, segundo Canagarajah (2013) deve-se falar numa *multicompetência linguística* que constitui o repertório do sujeito falante. Quer dizer, não se trata de competências compartimentadas mas integradas, pois o *translinguismo* surge da relação entre as línguas que é complexa e dinâmica.

Associa-se o *translinguismo* à linguística sociocultural, que surgiu após Edward Sapir (1929) ter recomendado que a análise linguística deveria ir além da diacronia e do estudo formal ou estrutural da língua, apelo reforçado por Hymes (1964), e na sequência do desenvolvimento da Sociolinguística, da Psicolinguística (e da Etnolinguística), que chamam a atenção para a interação social e a cognição humana. Assim, a identidade

enquanto fenómeno sociocultural e linguístico pode ser associada à linguística sociocultural. Bucholtz e Hall, a propósito da questão da identidade linguística, posicionam o seu trabalho no âmbito da Linguística Sociocultural: “the broad interdisciplinary field concerned with the intersection of language, culture, and society” (BUCHOLTZ e HALL, 2005: 586). Por exemplo, no caso do migrante madeirense alvo deste estudo, foram as interações linguísticas e socioculturais na sua terra natal e origem social juntamente com as que teve nos países de migração que definiram a sua identidade. Esta é dinâmica e complexa porque é relacional e interacional enquanto realidade sociocultural.

Trata-se da perspetiva sociocultural e linguística da identidade, uma vez que a linguística sociocultural é o campo interdisciplinar relacionado com a intersecção da linguagem, da cultura e da sociedade. Ou seja, a língua é vista como um fenómeno sociocultural, numa perspetiva interdisciplinar que inclui a Sociolinguística e a Linguística Cognitiva, mas também os estudos da Cultura Popular ou Tradicional, entre outras. Como a abordagem linguística é vista como inseparável do seu contexto sociocultural, a questão da identidade bi/multilingue e sociocultural de um indivíduo, como neste caso, é inseparável das suas vivências ou experiências na África do Sul e na Venezuela, mas também da sua origem dialetal e baixa escolaridade que se refletem respetivamente no uso do Português falado na Madeira e do Português popular.

5. Análise temática

Começa-se o estudo qualitativo dos dados recolhidos na entrevista com a análise temática. O informante nasceu a 20 de agosto de 1948 e foi com 17 anos, em 1967, para Moçambique, com o objetivo de dar o salto para a África do Sul. Depois de preso neste país e repatriado pela PIDE, foi para a guerra colonial na Guiné-Bissau. Quando regressou à Madeira, casou-se no civil com a namorada que já estava na Venezuela com a família. Já casado, recebeu a carta de chamada da mulher para poder entrar no país, onde esteve durante 44 anos.

Transcrevem-se de forma extensiva alguns excertos significativos do relato de memória do informante, uma vez que, no âmbito da linguística de *corpus* e da linguística sociocultural, o discurso do informante é fundamental para a análise qualitativa dos dados recolhidos. A análise temática a partir da narrativa oral do entrevistado permite obter informações sobre a passagem a salto de Lourenço Marques para a África do Sul, casos de clandestinidade em que não existe documentação oficial. De igual modo, o regresso à

Madeira e o cumprimento do serviço militar, seguido do casamento e emigração para a Venezuela e o retorno definitivo à sua terra natal reportam informações que, sendo individuais, são também coletivas, uma vez que se trata de uma realidade associada à identidade madeirense. Permite igualmente contribuir para o estudo da variedade do Português falado na Madeira, da sua variação social e local, e sobretudo do *translinguismo* ou integração do Português com o Espanhol da Venezuela no discurso do falante. Esta é uma realidade linguística e sociocultural importante, principalmente na ilha da Madeira, com o regresso de muitos migrantes madeirenses e luso-venezuelanos.

5.1 Partida para Moçambique e chegada a Lourenço Marques

O relato de memória começa com a partida para Moçambique e a chegada a Lourenço Marques. O entrevistado conta que trabalhava nas obras do Aeroporto da Madeira ilegalmente porque era menor de idade, relatando um episódio de fuga para não ser apanhado pelos fiscais, quando estava a trabalhar. Ao ser questionado sobre o motivo de ter deixado a Madeira para ir clandestino para a África do Sul, declara que não queria ir para a guerra do ultramar. Explicou os contactos que existiam para irem para Lourenço Marques e passarem a fronteira de forma clandestina com um passador. Era através de alguém da freguesia que tinha familiares emigrados na Suazilândia, dado que era a partir desta que entravam na África do Sul. Isto quer dizer que tinham de passar “a salto” duas fronteiras: a de Moçambique para a Suazilândia e desta para a África do Sul.

No que respeita à viagem, informa que não foram de barco porque já existia o aeroporto na Madeira, por isso foram de avião: “Foi de avião! [...] Foi para Lisboa [...] a gente dizia que ia-se visitar uma família, mas era mentira”. O entrevistado faz o relato da viagem com escala em Luanda e na Beira, até chegarem a Lourenço Marques: “Podia-se ir porque a gente era portugueses. Mostrava-se o bilhete de identidade, o bilhete de passagem... lá a gente fomos [foi] para lá daqui”. Em Lourenço Marques, tinham alojamento numa pensão chamada Guadiana e contactos com uma senhora portuguesa, que vivia perto da fronteira com a África do Sul, que, se questionada pela PIDE, dizia ser familiar deles.

5.2 Passagem clandestina para a África do Sul

Segue-se a passagem clandestina para a África do Sul, com o relato das várias tentativas de salto dos clandestinos. Conta que o passador chegou até eles com o meio de transporte: “«Olha, vocês que se montem em [subam para] cima. Já está tarde, vamos para cima!» A gente montámos numa [subimos para uma] camioneta, atrás, fazia-se que ia-se aguentando nos barriles [barris] com vinho, mas era mentira”. Nesta reprodução da fala, observa-se o fenómeno do *translinguismo*, ou seja, a integração de formas lexicais do Espanhol no discurso em Português. O passador deixou-os perto da fronteira, vestidos de preto, com uma bolsa com água e sandes e um guia. Escondidos e a descansar durante o dia, andaram perto de oito noites para chegarem perto da Suazilândia. Quando chegaram, saltaram o arame farpado, mas havia cães e guardas do outro lado e tiveram de voltar para trás. A narrativa continua com pormenores das situações vividas, na primeira pessoa, das várias tentativas de passagem com entradas e saídas da fronteira, para não serem apanhados pela PIDE:

Pela primeira vez, eles dizem: «vacês [vocês] fazem assim, por aqui por acolá, a gente está à espera naquele lado», mas não foi assim. Houve confusão, porque a gente via uma coisa e... Aquilo havia um problema. Para trás, conseguimos sair do arame farpado. Lá conseguimos sair outra vez. Era [Eram/Éramos] cinco meninos pequeninos [pequenos]. Passámos outra vez ao lado da fronteira... a polícia viu a gente: «[O] que fazem aqui?», «anda-se buscando uma tia da gente que... e a gente anda-se perdidos», mas era mentira. Mas, claro, a gente, nunca me esquece, tinha-se levado roupa preta, assim todo [tudo] negros [de negro] para não ser [sermos] vistos pela polícia da PIDE. Já se tinha ido para dentro, mas tivemos que regressar... Para trás, para a frente não se ia chegar lá. Eles chamaram a gente: «Se vocês são agarrados aqui, assim no arame farpado, vocês vão presos e vai-se lá dar uma malha em vocês». Eles tinham um cavalo-marinho [bastão] que era de borracha, que dava umas vergastadas no rabo. *Sacavam* [tiravam] as calças à gente... que davam sem calças..., mas a gente tinha lá aquela *familha* [família]. Fomos para a casa da senhora, chegámos lá... Foram lá mais [com] a gente, a essa casa: «Ah, sim, eu tenho sobrinhos». A gente já ficámos [ficou] uns dias lá.

No excerto acima, encontram-se traços característicos do Português falado na Madeira como *familha* por *família*, do Português popular, por exemplo na expressão *dar uma malha*, mas também de *translinguismo* em *sacavam* por *tiravam*.

O informante prossegue o relato com mais uma passagem da fronteira com arame farpado à noite, quando a polícia estava a dormir. Continuam a caminhar até o caminho de ferro, escondendo-se no mato, quando vinha um comboio. Passaram a ponte de um rio e

entraram novamente na Suazilândia, onde o passador os esperava. Ele tinha um mulato que fazia o serviço, para eles passarem a fronteira da Suazilândia para o Transvaal. Surge o contratempo da inexperiência do mulato que os acompanhava. Não conseguiram passar e voltaram para trás mais uma vez. O mulato foi a pé comunicar ao patrão que não conseguiram passar. O passador veio buscá-los de carro e ficaram uns dias na casa dele. Na tentativa seguinte, foram escondidos debaixo de ananases, saíram do carro perto da fronteira e esconderam-se. A polícia foi atrás do carro e mandou-o parar. O passador teve de ir embora e pensou que tinham sido apanhados. Eles ficaram escondidos à espera do carro toda a noite, sem nada para beber nem para comer, e no dia seguinte o passador não apareceu.

Segue-se mais uma fuga da fronteira para não serem apanhados e presos na tentativa de passagem “a salto” para a África do Sul:

Nisto, a gente sente-se os cães vir sempre em cima da gente, sempre se aproximando. A gente estava/-se/ escondidos debaixo daqueles paus de lenha cortada. Isto é verdade como a luz do dia que está-me [me está] *alumbrando* [alumiando]! Passou [passaram] os cachorros ao lado da gente e nem deram com a gente! Milagre de Deus! Depois, eu senti pessoas a gritar, que falavam Inglês... Chegaram ao caminho não viram nada, regressaram outra vez para a fronteira! A gente cá ficámos... Amanheceu o dia, ficámos o dia. Mais um dia, sem beber e sem comer! Outra vez para trás, mas já era dentro da Suazilândia, já era Suazilândia.

Aqui destaca-se a ocorrência de *translinguismo* em *alumbrando* por *alumiando*.

Cansados, com sede e fome, começam a caminhar e já pensam em se entregar à polícia para não morrerem. Entretanto, passa um camião que eles fazem parar e lhes dá boleia até um lugar com água. Ficaram mais uma noite escondidos sem comer nada e, no dia seguinte, caminharam até um lugar onde pediram comida num negócio. Aí apareceu um mulato moçambicano que falava Português e os ajudou a ter comida, depois de 3 dias sem comer. Ele pediu ao dono de um restaurante que vendia pão, sandes e mortadela para lhes dar de comer, mesmo tendo apenas dinheiro português. Depois, perguntaram pelo negócio do passador, mas ficava longe e não tinham dinheiro suficiente para pagar o transporte. Conseguiram pagar uma parte, ficando a outra por pagar pelo passador.

Chegaram a um restaurante e encontraram um rapaz conhecido da sua freguesia, que lhes deu de comer e disse que conhecia o passador e ia contactá-lo para os vir buscar. Foram para a casa dele e ficaram lá 3 dias. Depois, foram outra vez para a fronteira com um guia mulato e ficaram escondidos no mato até à noite. Passaram por baixo do arame e

ficaram escondidos do outro lado, até o carro os vir buscar. Finalmente, conseguiram passar. O carro levou-os até à África do Sul.

5.3 Trabalho na África do Sul, denúncia e prisão

Quanto ao trabalho na África do Sul, conta-nos que trabalhou num restaurante *Fish and chips* [Peixe e batata frita]: “Eles faziam muita comida para levar. Era também *hamburguesas* [hambúrgueres], gelados... Estivemos lá trabalhando, já se tinha, a gente já se tinha 13 meses que tinha-se [se tinha] chegado à África do Sul”. Neste excerto, o translinguismo como prática comunicativa é evidente através do recurso ao Inglês, para denominar uma realidade da África do Sul, os restaurantes de *Fish and chips*, onde já vendiam hambúrgueres. Para designar estes, usa a forma lexical do Espanhol, isto é, da sua realidade sociocultural mais recente na Venezuela.

Por vingança para com o passador, outros rapazes da freguesia que foram apanhados ilegais no país denunciaram-nos e a polícia sul-africana foi buscá-los e prendê-los. Eles estavam prestes a conseguir a sua legalização, estavam a ganhar bem e tinham um bom patrão que gostava muito deles, por serem bons trabalhadores. Ficaram presos durante 6 meses até conseguirem que as autoridades sul-africanas contactassem a emigração portuguesa. Então, um avião da PIDE de Lourenço Marques (atual cidade de Maputo) foi buscá-los para serem repatriados.

5.4 Regresso à Madeira e partida para a guerra colonial

Relativamente ao regresso à Madeira e partida para a guerra colonial, o entrevistado relata que chegaram a Lourenço Marques, queriam andar e não podiam andar das pernas. Compara-os a “aqueles galos quando estão amarrados”, realidade conhecida da sua vida rural. Ficaram na mesma pensão e queriam voltar a entrar na África do Sul, mas foram avisados pela polícia para não voltarem a aparecer junto da fronteira. Voltaram para a Madeira de barco, com escala em Luanda.

De volta à Madeira, o informante começou a trabalhar na “fazenda”, ou seja, na agricultura de subsistência, até conseguir trabalho no empreendimento da MaTur, em Água de Pena, onde o pai já trabalhava na construção do hotel Atlantis. Entretanto, teve de ir para a tropa e cumprir o serviço militar na Guiné-Bissau, em janeiro de 1970. Voltou para

a Madeira da guerra colonial em maio de 1972: “A gente agarrámos [agarrou] 23 meses”. Conta que, na Guiné-Bissau, “levava-se porrada até dar medo, havia muitos ataques”.

5.5 Casamento e emigração para a Venezuela

Casou-se por procuração com uma rapariga que já conhecia desde criança. Conheceu-a quando vivia na casa do avô, na parte da freguesia de Água de Pena que pertencia a Santa Cruz. Ela já tinha emigrado para a Venezuela com a família. O casamento permitiu-lhe entrar no país, juntando-se a ela. Diz-nos que, antes de ir para a guerra colonial, não se quis casar: “no meu sentimento, eu disse: «Se eu me casar vou deixar a mulher com um filho. Eu morro... Eu não quero deixar uma mulher desamparada»”. Sobre o casamento, refere que sempre escrevia à namorada, quando estava no Ultramar. Casou-se por procuração pelo civil na Madeira. Depois de casado, ela mandou-lhe a carta de chamada, porque não podia ir com visto de turista. Na Venezuela, casaram-se na igreja. Diz que chegou lá no dia 6 de novembro de 1972.

A mulher estava em Caracas porque a família tinha negócio lá e ela trabalhava numa fábrica de fazer roupa para crianças. Ele foi trabalhar para negócios de madeirenses e, depois, teve um igual àqueles em que trabalhou. Vendia principalmente *arepas* e *empanadas*, palavras que, tal como o nome do negócio *areperia* (onde se vendem arepas), são fenómenos de *translinguismo*, ao expressar formas linguísticas da realidade sociocultural venezuelana. Comprou o negócio em 1975, na zona central de Caracas, que se chamava de Madrid Sebas. Vivia em frente a Miraflores, onde está o Palácio do Governo. Depois, mudou-se para a zona chamada de Silencio, onde está o Teatro Municipal.

Sobre o facto de não ter feito casa na Madeira, relata: “ainda tive um bom dinheiro aqui, mas não quis fazer casa porque queria ter tempo para fazer tudo. Foi um erro. Eu dinheirinho [dinheiro] para cá tinha, para fazer casa e não fiz”. Diz ter vindo várias vezes à região, mas, depois, levou o dinheiro para a Venezuela. Investiu no negócio, em três apartamentos e tinha três carros. Confessa: “Agora [o] meu negócio está lá fechado. Está fechado e um apartamento *se vendeu* [foi vendido], outro se perdeu, muita coisa...”. Está na Madeira porque teve de abandonar tudo o que tinha na Venezuela: “Foi entre hoje e amanhã. Foi agarrar na minha roupinha [roupa] para dentro da *maleta* [mala] e vamos, porque a minha mulher estava muito doente. Eu vim em novembro de 2016”. O *translinguismo* está presente nestas frases, em *maleta* por *mala* e em *se vendeu* por *foi vendido*, em que o Espanhol surge integrado no Português.

5.6 Regresso definitivo à terra natal

Sobre o regresso à terra natal, confessa que queria vir: “Às vezes, não sabemos o que queremos, porque depende dos problemas que a gente temos [tem]. Mas eu estou feliz de vir para cá”. Acrescenta: “A minha senhora [mulher] queria vir para cá. Já no fim ela queria vir, porque ela já não se sentia bem. Já sabia que ia morrer, mas ninguém sabia quando. Já veio demasiado tarde. Seja feita a vontade de Deus. Quando *toque a mim* [for a minha vez], que seja uma hora boa. Temos de nos conformar e *seguir* [continuar] para a frente”. Expressa religiosidade cristã como forma de aceitação e superação das dificuldades da vida, recorrendo ao Espanhol em *toque a mim* e em *seguir* por *continuar*.

Vive na casa antiga dos pais, considerando-se grato por ter um teto, apesar de ser uma casa antiga e pobre:

Aonde é que eu vou assim? Graças a Deus que ainda tive onde me meter. Pelo menos não chove dentro e... [A casa] É velhinha [velha], mas está à conta de Deus. Assim é a minha sina, assim é. Nunca se sabe onde se chega, onde se vai cair. E de que maneira nem como. Às vezes, a pessoa está bem, parece que tem tudo na vida e dum momento ao outro dá uma *cabriola* [cabriola/cambalhota] e fica... Seja feita a vontade de Deus. *Mientras* [enquanto] Nosso Senhor nos dê saudinha [saúde], estamos bem. Quando não haja [há] saudinha [saúde], a coisa é mais complicada. Temos que *seguir* [continuar] a vida... E seja [feita] a vontade de Deus e não a nossa.

Neste excerto da entrevista, documentou-se *translinguismo* no uso de palavras como *mientras* por *enquanto* e *seguir* por *continuar*, a par de elementos linguísticos característicos do Português popular, sobretudo as formas diminutivas com valor afetivo.

6. Análise linguística

A língua falada apresenta maior complexidade do que a língua escrita, na medida em que transmite mais informações, apresentando maior variabilidade, refletindo a influência dos fatores socioculturais e a identidade do falante. O facto de o entrevistado ser madeirense de uma área rural, pouco escolarizado, ter emigrado adulto e ter estado em contacto com o Espanhol da Venezuela durante muitos anos faz com que recorra ao *translinguismo*, através da mescla do Espanhol com o Português. Trata-se de uma realidade linguística e sociocultural que faz parte da identidade híbrida do informante. Não é um fenómeno de *code-switching* porque o falante esbate os limites das línguas, usando-as numa mesma frase de forma integrada, enquanto *code-meshing*.

6.1 Identidade e *translinguismo*

Sobre o uso da língua portuguesa e a sua identidade linguística e sociocultural, o entrevistado diz que não sabe falar bem Português por ser pouco escolarizado: “às vezes, há palavras que já me... não é que eu não sei... Eu, praticamente, eu não sei falar Português como deve ser, porque eu nunca fui... nunca estudei... não é igual como «joga à bostas», como diz o outro, mas a palavra... essa palavra, então, agora é que me veio”. Explica que “Em *câmbio* [contrapartida], há pessoas que estão bem preparadas, porque tiveram, como é que digo? Há pessoas que estavam no seminário, estudaram... Agora, o pobrezinho [pobre] do campo, como é que se diz? Para quem entende um pedacinho [pedaço] melhor. Eu fui para a Venezuela, [estive] mais tempo fora [do] que aqui”. Sublinha o facto de não ter estudado e de ter sido um rapaz pobre do campo que esteve muito tempo fora, na Venezuela. Contudo, demonstra ter domínio da língua portuguesa na entrevista feita em janeiro de 2017, pouco tempo depois de ter regressado à Madeira.

Quanto à língua falada em casa, na Venezuela, o informante diz que: “Aquilo era metade em Português, metade em Espanhol. Era como vinha à memória. A gente, como diz o outro, não era aquele venezuelano... que eu *tão pouco* [também não] sei falar venezuelano bem”. Os filhos nunca frequentaram aulas de Português lá e falavam Espanhol em casa, mas também entendiam o Português: “Eles falavam em Espanhol... Aquilo era mais Espanhol, mas o Português a gente não perdemos [perdeu] tudo”.

A língua falada pelo entrevistado resulta dos contactos e interações sociais e culturais que teve na África do Sul e sobretudo na Venezuela. Como o *translinguismo* é inseparável do *transculturalismo*, o falante denota bem essa realidade através do uso de práticas comunicativas em que no mesmo discurso recorre a várias línguas. As estratégias *translinguísticas* e transculturais são o recurso ao Português e ao Espanhol de forma natural e integrada, o que serve também para expressar a realidade linguística e sociocultural venezuelana. Não se trata do uso de duas línguas num contexto de aprendizagem de uma L2 (língua segunda), mas de um falante bilingue que domina as duas línguas, por isso estas não são integradas para resolver problemas de falta de domínio de frases ou gramática. É uma forma de comunicar significados ou ideias de forma mais precisa, prática linguística que revela um repertório comunicativo rico, variado e integrado, por parte do indivíduo bi/multilingue. Ou seja, revela competências para se mover entre e

dentro de diferentes sistemas linguísticos e culturais, produzindo significados de forma integrada.

O *translinguismo* pode ter também uma função exemplificativa, como no caso das formas de expressão de carinho características dos venezuelanos no seu quotidiano, quando o informante diz que as pessoas são muito carinhosas:

Lá, são muito carinhosos. É *mi* [meu] *amor*, *mi* [meu] *coração*, *mi corazón* [meu coração]... É aquele amor e coração... É porque toda a gente diz a palavra amor, que é *mi* [meu] *amor*, *mi* [meu] *coração*, *te quiero* [quero-te], *te amo* [amo-te], porque são palavras... *Mi* [minha] *vida*, *mi cielo* [meu céu], *mi cielito* [meu ceuzinho]. Foram 44 anos de Venezuela! E a gente nos acostumamos àquilo. A gente sempre vai-se agarrando àquilo, *mi* [meu] *amor*, *mi cariño* [meu carinho], *mi* [meu] *coração*... *Cariño* [Carinho] não tem nada mal. *Mi* [meu] *amor*... Com uma *muchacha* [rapariga] a passar: «*Hola, mi cielo* [Olá, meu céu]!». Isso não tem nada... nenhuma maldade! É que lá as pessoas diz [dizem] aquilo... *amor*, *cariño* [carinho]... *mi* [minha] *vida*, isso não tem [faz] mal a ninguém!

O *translinguismo* na língua falada do migrante madeirense, como seria de esperar, revela grande influência do Espanhol da Venezuela, sem deixar de usar alguns vocábulos do Inglês da África do Sul. Trata-se principalmente de denominações de realidades socioculturais específicas desses países e não existentes na Madeira. Procurou-se sistematizar as várias manifestações de *translinguismo* presentes na fala do entrevistado, de forma a compreender a sua prática comunicativa, que integra duas ou mais línguas do seu repertório linguístico. Na tabela abaixo, apresenta-se uma possível classificação dos fenómenos de *translinguismo* registados no seu discurso.

Como se constata na Tabela 1 (ver *infra*), o uso do Espanhol (da Venezuela) revela ser preponderante, pela sua presença em grande quantidade na fala do informante. Predomina a integração de formas lexicais do Espanhol no Português, seguindo-se a de formas morfossintáticas, mas também fonéticas.

Tabela 1: Fenómenos de *translinguismo* presentes na fala do informante

Expressão de realidades socioculturais da África do Sul e da Venezuela	Recurso a léxico de outras línguas para expressar realidades desconhecidas na Madeira aquando da migração	Integração de formas lexicais do Espanhol no Português	Integração de formas gramaticais do Espanhol no Português
<p><i>Fish and chips</i> (África do Sul). Da Venezuela: <i>chicharronera</i> e <i>chicharrón</i>; <i>lechería</i>; <i>sandwichs</i>; <i>hamburguesa</i>; <i>empanadas</i>; <i>arepeira</i>, forma aportuguesada de <i>areperia</i>; <i>arepas</i> ou <i>arepitas</i> (forma diminutiva venezuelana com valor afetivo); <i>empanadas</i> ou <i>empanadinhos</i> (forma diminutiva portuguesa com valor afetivo); comida <i>criolla</i>; <i>bolitos</i> (forma diminutiva venezuelana com valor afetivo); <i>yuca rellena</i>; <i>pastelinhos</i> (forma diminutiva portuguesa com valor afetivo); <i>parrilla</i>; <i>hallacas</i>; <i>pão de jamón</i>; <i>pernil assado</i>.</p>	<p><i>Pineapple</i> (África do Sul) e <i>pinhas</i> (Venezuela), <i>ananás/ananases</i> em Português.</p>	<p><i>Cochino frito</i>; <i>montar em um carro por subir para cima dum carro</i>; <i>todo o mundo por toda a gente</i>; <i>cerca por perto</i>; <i>trem por comboio</i>; <i>tão pouco por também</i>; <i>arriba por cima</i>; <i>alumbrando por alumando</i>; <i>rabanadas por fatias</i>; <i>passar por acontecer</i>; <i>creio por penso</i>; <i>mala por má</i>; <i>maleta por mala</i>; <i>cambien por mudem</i>; <i>camburios por bananas</i>; <i>guardia por guarda</i>; <i>ruta por rota</i>; <i>sacavam por tiravam</i>; <i>ferre carril por caminho de ferro</i>; <i>seguir por continuar</i>; <i>em câmbio por contrapartida</i>; <i>tão pouco por também não</i>; <i>muchacha por rapariga</i>.</p>	<p><i>Se vendeu por vendeu-se</i>; <i>me toque por for a minha vez</i>; <i>haver por ter</i>; <i>o ponte por a ponte</i>; <i>policía por polícia</i>; <i>a casa de Cândido por a casa do Cândido</i>; <i>José por o José</i>; <i>chegámos de África do Sul por chegámos da África do Sul</i>; <i>meu avozinho por o meu avozinho</i>; <i>de meu pai por do meu pai</i>; <i>escrever a minha mãe por escrever à minha mãe</i>; <i>eu me lembro por eu lembro-me</i>; <i>a gente se via por a gente via-se</i>.</p>

6.2 Fonética e léxico

O *translinguismo* foi atestado na ocorrência da forma fonética *policía* por *polícia*, com a acentuação da palavra em Espanhol.

É no léxico que se encontra a maior parte do *translinguismo*, uma vez que traduz novas realidades socioculturais, desconhecidas na Madeira aquando da migração do entrevistado. Tem interesse observar o caso da palavra *ananás*, em que o falante primeiro recorre à palavra do Espanhol *pinhas* (Venezuela), depois à do Inglês *pineapple* (África do Sul) e, por fim, lembra-se da palavra portuguesa, usando-a no plural com a forma singular

“os ananás”, em vez de *ananases* pelo facto de a palavra terminar em -s (geralmente morfema do plural): “Ele carregava... Coma [Como] se diz? *Pinhas* [Ananás]... *pinha* [ananás], que se chama *pineapple* [ananás]... ananás. Ele tinha um carro carregadinho [carregado] de ananás. Ele agarrou na gente, pôs os ananás [ananases] por cima da gente para disfarçar”. Em relação à palavra *batata*, não se lembra do vocábulo português para *batata frita*, quando refere o Inglês *Fish and Chips*, identificando o tipo de restaurante onde trabalhou na África do Sul. Diz *papa frita*, o nome em Espanhol, talvez porque esta era também uma realidade que não existia na Madeira, onde se usa o nome *semilha* para *batata*, a par de *batata frita* para a inovação gastronómica.

Destaca-se o vocabulário gastronómico, característico da realidade sociocultural venezuelana, que o informante usa: *chicharronera* (de *chicharrón*, com a forma aportuguesada *chicharrão*, torresmo); *lechería* (estabelecimento onde se vendem bebidas e pastelaria, etc.); *sandwichs* (nome inglês, sandes); *hamburguesa* (forma espanhola, hambúrguer); *empanadas* (de massa de milho recheada, feitas no forno); *arepeira*, forma aportuguesada de *areperia*, estabelecimento onde se vendem *arepas* ou *arepitas* (feitas de farinha de milho, recheadas e fritas ou grelhadas na chapa). Informa que, quando chegou à Venezuela, os negócios eram sobretudo à base de *arepita* (forma diminutiva de *arepa* com valor afetivo), também vendiam *empanadas* ou *empanadinhos* (de massa de milho, recheadas e feitas no forno, cuja forma diminutiva tem valor afetivo). Fala ainda da comida *criolla* (crioula, típica da Venezuela), do *cochino* (porco) frito, dos *bolitos* e dos *pastelinhos* (formas diminutivas de *bolos* e *pastéis*, também com valor afetivo) e ainda da *yuca rellena* (mandioca recheada). É interessante notar um fenómeno de *translinguismo* nas formas diminutivas (como expressão venezuelana de carinho), dado que ora são portuguesas como *empanadinhos* e *pastelinhos* ora são venezuelanas em *arepitas* e *bolitos*.

Outros termos gastronómicos ocorrem associados ao Natal, como é o caso do nome *parrilla*: “Aquilo era muito bom! A família [família]. A gente para comer não havia problema! Fazia-se *parrilla* [churrasco], sempre havia comerzinho [comer], graças a Deus”. Refere o bacalhau português, a carne-de-vinho-e-alhos e a espada madeirenses. Porém, explicita que “mais era *hallacas* [pastéis de farinha de milho, recheados, envolvidos em folhas de bananeira e cozidos em água, preparados sobretudo no Natal], *pão de jamón* [pão com presunto], *pernil* [perna/coxa de porco] assado”. O vocabulário da comida revelou-se importante principalmente na Venezuela, enquanto assimilação da realidade sociocultural e linguística do país de acolhimento.

No que respeita ao léxico espanhol *trem por comboio e ferre carril por caminho de ferro*, também poderia ser incluído na coluna da Tabela 1 em recurso a léxico de outras línguas para expressar realidades desconhecidas na Madeira, aquando da migração do entrevistado.

6.2 Morfossintaxe

Relativamente à morfossintaxe, salienta-se como o *translinguismo* se expressa de forma natural e integrada nos seguintes sintagmas e frases: *pão de jamón, pernil assado, cochino frito, uma muchacha a passar*.

Documentou-se o uso do verbo *haver* em vez de *ter*, em “*havia que passar um ponte*”, em vez de “*tínhamos que passar uma ponte*”, onde ocorre a forma gramatical da palavra *ponte*, masculina em Espanhol e feminina em Português. Registou-se a ausência de artigo definido antes dos nomes próprios, em “*a casa de [do] Cândido*”, “[*O*] José trabalhou”, “*a gente chegámos [chegou] de [da] África do Sul*”.

Outro traço corrente na fala do informante é a ausência do artigo definido antes do possessivo, característica do Português antigo (conservada na variedade do Português falado na Madeira), sendo igualmente uma característica do Espanhol: “*meu avozinho*” por “*o meu avozinho*”, “*de meu pai*” por “*do meu pai*”, “*escrever a minha mãe*” por “*escrever à minha mãe*”. Na posição dos clíticos, predomina o uso proclítico (ocorrência antes do verbo), quando, segundo a norma do Português Europeu, seria ênclise: “*eu me lembro [lembro-me]*”, “*a gente se via [via-se]*”. Esta tendência parece corresponder ao que se verifica nas outras línguas românicas, nomeadamente no Espanhol.

6.4 Português falado na Madeira e Português popular

A identidade madeirense do falante manifesta-se através de alguns traços fonéticos do Português falado na Madeira. No que se refere a traços fonéticos dialetais madeirenses, como a palatalização do [l], antecedido da vogal palatal [i], ocorre em *familha* por *família* e *aquilhe* por *aquilo*. O apagamento da vogal final [u], em posição fraca, verifica-se em *ferre por ferro* e em *motive por motivo*.

Algumas características do Português popular revelam a identidade sociocultural do entrevistado. No que respeita ao vocabulário e expressões, na fala do informante, há o recurso a expressões do Português popular como: “*a gente tremia-se como varras verdes*”

e “joga à bostas”, significando ‘zé-ninguém’, ‘pobre’, que não sabe falar bem porque não andou na escola. Encontra-se, de igual modo, a comparação com uma realidade sociocultural madeirense, “estava água correndo como numa levada”, assim como o uso dos regionalismos semânticos *malha* e *carreira*, respetivamente nas expressões “dar uma malha” (‘porrada’, de *malhar* ‘bater’) e “vir numa carreira”, com o significado de ‘corrida’.

Registam-se muitas formas diminutivas, geralmente com valor afetivo, características do Português popular: “carrinho [carro] azulinho [azul]”, “armadinhos [armados] com dinheirinho [dinheiro]”, “paradinhos [parados]”, “aguinha [água]”, “comidinha [comida]”, “pãozinho [pão]”, “poucoquinho [pouco]”, “pertinho [perto]”, “pequeninos [pequenos]”, “refresquinho [refresco]”, “rapazinhos [rapazes]”, “escondidinhos [escondidos]”, “pretinho [preto]”, “semaninha [semana]”. Fica por explorar a questão de poderem resultar igualmente do contacto linguístico com o Espanhol da Venezuela, que usa muitas expressões de carinho.

Na fala do informante também se encontram formas antigas, hoje consideradas populares, por serem usadas pela população menos escolarizada e mais isolada dos meios rurais. É o que acontece com as formas do plural das palavras terminadas em *-l*, *papeles* por *papéis* e *barriles* por *barris*. A par destas, podem-se referir formas morfossintáticas classificadas também como populares, por exemplo: “dávamos o dinheiro a eles”, em vez de “dávamos-lhe o dinheiro”; a forma verbal da primeira pessoa do plural *fomes* por *fomos* e a forma da terceira pessoa do plural “vinhe” por “vinham”. O falante usa formas de expressão locais madeirenses associadas à realidade rural em que viveu na infância e juventude e formas da chamada variedade popular, com características lexicais, fonético-fonológicas e morfossintáticas próprias.

No seu relato de memória, o falante usa tanto o pronome pessoal *nós* como a locução pronominal *a gente*, confundindo as duas formas e, conseqüentemente, as suas concordâncias verbais, por exemplo: *a gente fomos* em vez de *a gente foi*, por confusão com *nós fomos*, porque a expressão *a gente* é equivalente, do ponto de vista semântico, ao pronome pessoal *nós*, embora corresponda a um registo de língua mais informal. Apesar de ser equivalente no seu sentido coletivo a *nós*, gramaticalmente a concordância de *a gente* faz-se com as formas verbais da terceira pessoa do singular e não com as da primeira pessoa do plural, *nós*.

Documentou-se ainda falta de concordância entre o sujeito e o verbo ou com o predicado, em frases como: “eles tinha passaporte” em vez de “eles tinham passaporte”; “é

que lá as pessoas diz aquilo” por “as pessoas dizem aquilo”; “era cinco meninos” por “eram cinco meninos”.

7. Considerações finais

A emigração madeirense de forma clandestina para a África do Sul era uma forma de fuga à guerra colonial. Nas suas freguesias (neste caso Água de Pena, concelho de Machico), os jovens que não tinham carta de chamada para poderem entrar legalmente no país recorriam a redes organizadas de conhecidos e/ou familiares destes que estavam lá e tratavam da passagem da fronteira a troco de dinheiro. O relato de memória do entrevistado, recolhido através do método da entrevista semiestruturada, permite conhecer em pormenor várias tentativas de passagem da fronteira de Moçambique para a Suazilândia e desta para a África do Sul. Sem a recolha destes dados, não seria possível documentar esta realidade sócio-histórica e cultural madeirense.

Na África do Sul, a denúncia e a prisão por estar ilegalmente no país, a trabalhar num restaurante de *Fish and chips*, levou ao seu repatriamento, obrigando-o a ir para a guerra colonial na Guiné-Bissau. Quando voltou da guerra, casou-se por procuração, no civil, com a namorada que já tinha emigrado com a família para a Venezuela. Ela enviou-lhe a carta de chamada e lá casaram-se na igreja, construindo a sua vida durante 44 anos. Regressou à sua terra natal em finais de 2016, devido à situação de crise na Venezuela, tal como muitos outros migrantes de primeira geração e seus descendentes. Este retorno constituiu uma oportunidade para a realização deste estudo, recolhendo informações sócio-históricas sobre a ilha da Madeira. Assim como permitiu conhecer os contactos do informante com as novas realidades socioculturais e linguísticas dos países de acolhimento, construindo a sua identidade multilingue e multicultural.

As experiências de migração do entrevistado em contacto com diferentes línguas e culturas tornam a análise temática rica em informações históricas e socioculturais. A narrativa do informante permite igualmente, através da análise linguística da sua fala, observar manifestações comunicativas de *translinguismo*. Estas revelam sobretudo a importância do vocabulário, nomeadamente no que se refere ao uso de léxico do Espanhol da Venezuela, sobretudo termos gastronómicos de comidas típicas do país que fizeram parte dos negócios do entrevistado, em contacto quotidiano com a população local. Sublinham-se as formas diminutivas, como *arepitas* e *bolitos*, enquanto expressão de carinho característica do Espanhol da Venezuela.

O *translinguismo* é indissociável do *code-meshing*, visto que há uma mescla ou fusão de duas ou mais línguas de forma integrada na fala do entrevistado, como se observou, por exemplo, em *pernil assado, cochino frito e uma muchacha a passar*. Por isso, não se consideram interferências do Espanhol no Português, dado que não há conflito entre as diferentes línguas usadas num mesmo sintagma ou frase. Ou seja, juntamente com a integração de formas lexicais do Espanhol no Português, ocorrem formas morfossintáticas e fonéticas que refletem o repertório bi/multilingue do falante.

Os fenómenos de *translinguismo* correspondem principalmente à expressão de realidades socioculturais da África do Sul e da Venezuela, desconhecidas na Madeira aquando da migração do entrevistado. Daí a necessidade de recorrer ao léxico do Inglês e do Espanhol para expressar essas realidades. A estas juntam-se traços da variedade do Português falado na Madeira, assim como formas e expressões do Português popular que fazem parte da sua identidade sociocultural e linguística, devido à sua origem rural madeirense. Trata-se de práticas *translinguísticas* e transculturais que revelam a identidade híbrida do falante, resultante de vivências translocais.

Hoje, o *translinguismo* é uma realidade sociocultural cada vez mais presente no mundo globalizado e digital, juntamente com o transculturalismo, explicando a necessidade de expressão *translinguística* e transcultural ou translocal.

Referências bibliográficas

BUCHOLTZ, Mary e HALL, Kira (2005), "Identity and Interaction: A Sociocultural Linguistic Approach", *Discourse Studies*, vol. 7, nrs. 4-5, London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, pp. 585-614. Disponível em: https://bucholtz.linguistics.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu/ling.d7_b/files/sitefiles/research/publications/BucholtzHall2005-DiscourseStudies.pdf (consultado a 10 de fevereiro de 2021).

CAMPENHOUDT, Luc Van e QUIVY, Raymond (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, tradução de João Minhoto Marques, Mara Amália Mendes e Maria Carvalho, 4.^a ed., Lisboa: Edições Gradiva.

CANAGARAJAH, Suresh (2013), *Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations*, New York/London: Routledge.

GARCÍA, Ofelia (2009), *Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective*, Malden, MA: Wiley-Blackwell.

GARCÍA, Ofelia e WEI, Li (2014), *Translanguaging: Language, bilingualism and education*, New York, NY: Palgrave Macmillan.

GU, Zeng (2021), "Codemeshing or linguistic purity: A case study of Wechat languaging among youngsters", *Technium Social Sciences Journal*, vol. 25, Constanta: Ovidius University Constanta

Romania, pp. 722-731. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/356093473_Codemeshing_or_Linguistic_Purity_A_Case_Study_of_Wechat_Languaging_among_Youngsters (consultado a 20 de março de 2022).

HYMES, Dell (1964), *Language in Culture and Society*, New York/London: Harper & Row. Disponível em <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-linguistics/article/abs/dell-hymes-ed-language-in-culture-and-society-new-york-london-harper-row-1964-pp-xxxv-764/DBE6C5F36FD64AA41C48491EBCA5E874> (consultado a 20 de março de 2022).

HORNBERGER, N. H. e LINK, H. (2012), "Translanguaging in today's classrooms: A biliteracy lens", *Theory Into Practice*, n. 51(4), London: Taylor & Francis Online, pp. 239-247. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00405841.2012.726051> (consultado a 20 de março de 2022).

KHUKHUNI, I. e VALUITSEVA, I. (2019), "Translingualism/Transculturality and Etno-Cultural Identity: Complementary or Conflictness?", *Polylinguality and Transcultural Practices*, vol. 16(1), Moscovo: Peoples' Friendship University of Russia (RUDN University), pp. 45-51. Disponível em <http://journals.rudn.ru/education-languages> (consultado a 10 de fevereiro de 2021).

LANG, A. B. S. G. (2015), "Portugueses em São Paulo: Integração e Identidade", *Processos Migratórios e Identidades*, coord. Luís Campos, Zuleika Crosa e Lydia Souza, Montevideo: Universidade da Republica Uruguai. Disponível em http://xiram.com.uy/ponencias/GT-84/Alice%20Beatriz%20da%20Silva%20Gordo%20Lang_Portugueses%20em%20S%C3%A3o%20Paulo.pdf (consultado a 10 de fevereiro de 2021).

LEE, Alice e HANDSFIELD, Lara (2018), "Code-meshing and writing instruction in multilingual classrooms", *The Reading Teacher*, vol. 72(2), New Jersey: International Literacy Association, pp. 159-168. Disponível em <https://doi.org/10.1002/trtr.1688> (consultado a 10 de fevereiro de 2021).

NUNES, Naidea Nunes (2017), "Da oralidade à escrita: a transcrição grafemática ou ortográfica de memórias/histórias de vida de mobilidades Madeira/Brasil", *O Princípio da Nona Ilha dos Madeirenses: Brasil. Actas do Colóquio "As Mobilidades no Espaço e no Tempo*, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, Direção Regional da Cultura, Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura, pp. 215-254.

POLLAK, Michael (1992), "Memória e Identidade Social", *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5(10), pp. 200-212. Disponível em <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf> (consultado a 20 de março de 2022).

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (2015), *Das migrações às interculturalidades*, Lisboa/Porto: Edições Afrontamento.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1994), "Modernidade, identidade e a cultura de fronteira", *Tempo Social - Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, n. 5(1-2), pp. 31-52. Disponível em http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf (consultado a 20 de março de 2022).

SAPIR, Edward (1929), "The status of linguistics as a science", *Language*, vol. 5(4), pp. 207-214. Disponível em <https://doi.org/10.2307/409588> (consultado a 20 de março de 2022).

SPENCER-OATEY, Helen e FRANKLIN, Peter (2009), "Intercultural interaction. A multidisciplinary approach to intercultural communication", *Research and Practice in Applied Linguistics*, eds. Christopher N. Candin e David R. Hall, New York: Palgrave Macmillan, pp. 151-170.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. (1987), *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*, São Paulo: Atlas.

UNESCO (2006), *UNESCO Guidelines on Intercultural Education*. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001478/147878e.pdf> (consultado a 10 de fevereiro de 2021).

VIEIRA, Alberto (2018), "Da Madeira a Cape Town, República da África do Sul. From Madeira to Cape Town, South Africa", *Cadernos de Divulgação do CEHA*, nº 9, Funchal: SRTC/DRC.

WEI, Li (2011), "Moment analysis and translanguaging space: Discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain", *Journal of Pragmatics*, n. 43, New York/London: Elsevier, pp. 1222-1235. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216610002535> (consultado a 20 de março de 2022).

WEI, Li e GARCÍA, Ofelia (2016), "From researching translanguaging to translanguaging research", , *Research Methods* , eds. K. King, Y. J. Lai e S. May, 3ª ed., Switzerland: Springer International. Disponível em https://doi.org/10.1007/978-3-319-02329-8_16-1 (consultado a 10 de fevereiro de 2021).

WEI, Li (2018), "Translanguaging and code-switching: what's the difference?", *OUPBlog*. Disponível em <https://blog.oup.com/2018/05/translanguaging-code-switching-difference/> (consultado a 22 de fevereiro de 2021).

Naídea Nunes Nunes

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês) e mestre em Linguística Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É doutorada em Linguística Românica pela Universidade da Madeira e pós-doutorada em Ciências da Linguagem e Linguística Aplicada pelo Instituto Universitário de Linguística Aplicada (IULA) da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona (Espanha). É membro investigador do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), na área da Dialetoлогия e Diacronia, e membro colaborador do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL) da Universidade da Madeira. Também é membro colaborador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Universidade de Lisboa, no polo da Universidade da Madeira, e do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), no Projeto Nona Ilha - Memória das Gentes que Fazem a História. Publicou vários estudos e ensaios na área da Linguística, sobretudo direcionados para o conhecimento do léxico, participando em colóquios e revistas científicas nacionais e internacionais. Da sua bibliografia destacam-se os seguintes livros: *Antroponímia primitiva da Madeira (séculos XV e XVI) e Repertório onomástico histórico da Madeira*, em coautoria com Dieter Kremer, Coleção Patronymica Romanica, Tübingen, Niemeyer (1999); *Palavras Doces. Terminologia e tecnologia históricas e atuais da cultura açucareira: do Mediterrâneo ao Atlântico*, Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico (2003) e *Outras Palavras Doces. Glossário comparativo da atual terminologia açucareira no Atlântico*, Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico (2010). As suas principais áreas de interesse e de investigação são: Léxico, Onomástica, Dialetoлогия, Sociolinguística, Mobilidades e Cultura Tradicional.